



Tempo de Amar



vol. XIII

Ademir Pascale - Organizador



contos e poemas



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-41484-3

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- O FLORESCEM DA VIDA, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 05
- ETERNAMENTE NÓS, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 09
- TEMPO DE AMAR, POR ALLAN GONÇALVES BUENO, PÁG. 12
- JOSÉ LUÍS PEDROSA, POR ARTUR MOLINA, PÁG. 14
- RAMÓN PEDROSA, POR ARTUR MOLINA, PÁG. 19
- MIGUEL HERNANDEZ, POR ARTUR MOLINA, PÁG. 23
- MARÍLIA LESSA, POR ARTUR MOLINA, PÁG. 27
- DOLORES PEDROSA, POR ARTUR MOLINA, PÁG. 31
- JÁ CONHECEU O AMOR?, POR CAMILA PEREIRA DINIZ FURTADO DE SOUZA, PÁG. 35
- ESTAÇÃO DOS SONHOS, POR DARCI ECKERT JUNIOR, PÁG. 37
- ONDE A POESIA TE ENCONTRA, POR DARCI ECKERT JUNIOR, PÁG. 39
- INCONTÁVEIS BUSCAS, POR DARCI ECKERT JUNIOR, PÁG. 41
- COMPANHEIROS INSEPARÁVEIS, POR FRANCES DE AZEVEDO, PÁG. 43
- VENTO DA TRANSFORMAÇÃO, POR ILMA ISABELLE DOS SANTOS VIEIRA REGIS, PÁG. 48
- PONTUAÇÃO, POR ILMA ISABELLE DOS SANTOS VIEIRA REGIS, PÁG. 50
- ONDE ESTARÁ O AMOR?, POR STARINES, PÁG. 52
- O MUNDO DE NÓS DOIS, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 54
- O VERDADEIRO AMOR, POR PRISCILA RODRIGUES DE MIRANDA, PÁG. 56
- SOB O MESMO CÉU - ESSA NÃO É UMA HISTÓRIA DE GUERRA, POR ROB ALME, PÁG. 59
- O HOMEM QUE TINHA CIÚMES DO MARIDO DE SUA NAMORADA, POR ROBSON DE OLIVEIRA ALVES JÚNIOR, PÁG. 65
- TIA QUERIDA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 69
- IDAS E VINDAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 71
- ETERNIZAÇÃO DO AMOR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 73
- POR QUE SE MAGOA TANTO NO CORAÇÃO?, POR SELMA LUANNY, PÁG. 75
- EU SÓ QUERIA UM AMOR..., POR SUSIANE CANAL, PÁG. 77
- LUTO E AMOR, POR SUSIANE CANAL, PÁG. 80
- COMO MORRE O AMOR, POR SUSIANE CANAL, PÁG. 82
- CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 85



Tempo de Amar



Ademir Pascale - Organizador



contos e poemas



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Florescer da Vida

Por ACarlos Misawa

Autor dos livros de autoajuda: "Mentes do Sucesso" 2023-24 e "Ação & Reação" 2024; Comenda Literária "Pablo Neruda" Ed Mágico de Oz Chile 2025; Prêmio Melhores do Ano Editora Letras Virtuais 2024; Prêmio 100 Melhores Poetas-Escritores da Língua Portuguesa Brasil-Portugal Paraty 2024; Destaque Literário Award Ceremony Lisboa-Portugal 2024; Participação da Expo Poema Cairo-Egito 2025; Participação Antologia Machado de Assis Rio de Janeiro 2024; Participação Tales and Legend form Brasil (Contos & Lendas) Madri-Espanha 2025; Participação Antologia Dante Alighieri Firense-Italia 2025; Participações em várias Antologias Poéticas e Concursos Literários 2023-24; Graduado em Odontologia e Administração.

No silêncio daquela sala, onde a luz do fim de tarde refletia as paredes de dourado, aquele rapaz chamado Antônio segurava um antigo livro presenteado pela sua tia, mas ainda sem ler, dado numa tarde de chuva que ele sempre lembrava com saudosismo e carinho. A capa, desgastada pelo tempo, guardava as palavras de um autor que falava de coragem, esperança e recomeços, temas que pareciam ressoar com tudo o que ele havia vivido. Naquele momento, o livro em suas mãos era mais do que um objeto; era um convite silencioso para redescobrir a beleza do presente e olhar o futuro com gratidão.

A vida de Antônio era uma coleção de superações e experiências, com momentos que ensinavam mais do que qualquer lição escrita. Ele aprendera com a vida que cada dia trazia algo novo a ser celebrado, mesmo nos desafios. havia muitas marcas e cicatrizes, é claro, mas também flores que nasciam em terrenos inesperados, regadas pela fé que carregava como um tesouro silencioso. Aprendera sobretudo que o perdão, tanto o que oferecemos quanto o que recebemos, é a chave que abre portas para uma vida mais leve. "A mágoa pesa muito mais que a coragem de perdoar", pensou, sentindo o coração aquecer.

Naquele instante, o aroma de café envolveu todo aquele cômodo. Era sua mãe, que lhe oferecia a xícara como quem entrega um pedacinho de bem-estar. O gesto simples trazia consigo a promessa de que a vida era feita de pequenos milagres diários e simplicidades que iluminam a alma: o calor das mãos, o olhar cúmplice, um abraço e ou o doce amargo do café.

"Por que está pensativo, Antônio?", ela perguntou, com a serenidade de quem já sabe a resposta. Ele sorriu e respondeu: "Às vezes a vida me toca de um jeito que me faz repensar e agradecer por tudo. Como agora." Antônio sentiu as recordações se transformarem em algo leve, quase como uma brisa. Ele pensou em como a vida, em seus altos e baixos, ensinava a encontrar beleza nos pequenos pormenores. Entusiasmado, refletiu em voz baixa, "como o silêncio e as lembranças falam tão alto quando a gente escuta com o coração."

Era isso que Antônio sempre soubera, mesmo sem explicar: a vida tocava. Com delicadeza ou intensidade, mas sempre deixava marcas. Essas marcas eram lembranças que ele carregava como um guia para seguir em frente. Quando mais jovem, imaginava que o amor era algo longínquo e grandioso, mas hoje sabia que ele estava nos pequenos

gestos, como uma conversa sincera, um sorriso compartilhado, uma música que ecoa no peito ou em simples palavras numa poesia.

As memórias vinham como presentes. A lembrança dos risos dos seus pais, dos irmãos e primos em dias de festa, dos rostos dos parentes queridos que já partiram e junto as histórias de família que ouvia na infância sobre superações e recomeços. Ele sabia que a esperança era como uma planta que nunca arrefece, mesmo nos terrenos mais secos. Muitas vezes a percebeu florescer em sua vida, e isso bastava para seguir autoconfiante. Ele também lembrava que, em momentos difíceis, o amor e a união daqueles ao seu redor o sustentara como raízes profundas segurando uma árvore durante uma tempestade.

“Mãe...”, ele perguntou, melancólico. “Como seria viver sem fé?” Ela respondeu com simplicidade: “Seria como uma estrada sem destino. E a vida sempre tem algo mais a mostrar e algum lugar a chegar.”

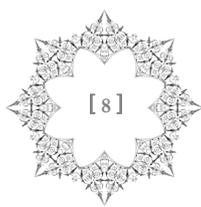
O vento soprou pela vitrô aberto, trazendo a essência das flores do quintal e os risos das crianças brincando na rua ao longe. Para Antônio, aquele vento era como um lembrete de que a vida está em movimento, cheia de novas oportunidades. Sentiu-se esperançoso, como quem finalmente percebe que as respostas sempre estiveram ali. Ele também pensou no quanto a misericórdia e o perdão eram essenciais para seguir em frente. “Perdoar é como abrir a janela e deixar o vento entrar. É paz e liberdade.”

Olhou para mãe e viu nela uma parceira de jornadas. Alguém que, mesmo em silêncio, partilhava da mesma fé e esperança. Percebeu que a vida não era sobre vitórias isoladas, mas sobre como seguimos juntos, apoiando uns aos outros. Pensou nas vezes em que teve medo de desistir e falhar, mas foi encorajado por palavras simples dela, cheias de amor. “Você sempre pode persistir e tentar de novo, Antônio,” ela dizia, e ele sabia que essas palavras moldaram quem ele era hoje.

Antônio inspirado pelas doces e sábias palavras, respirou fundo, como quem abraça o momento. Sabia que os desafios viriam, mas também sabia que a fé, a esperança e o amor eram suas companheiras constantes. Aquele antigo livro em suas mãos permanecia aberto, mas as histórias mais importantes não estavam mais ali. Elas viviam nas reflexões da alma, de onde a vida, o amor e os recomeços floresciam.

“Mãe, acho que nunca te disse isso... Obrigado por estar aqui.” Ela sorriu, com aquele sincero sorriso que carregava anos de cumplicidade, e respondeu: “Filho, estamos juntos. E isso é tudo.”

Com o livro em seu colo, ainda pensativo, Antônio observava o dia findando, agora em sua luz dourada final, parecia um belíssimo quadro de esperança. mas sabia que a vida era um verdadeiro desafio, sempre com novos capítulos, recheados de amor, fé e a promessa de recomeços melhores.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Eternamente Nós

Por ACarlos Misawa

Autor dos livros de autoajuda: "Mentes do Sucesso" 2023-24 e "Ação & Reação" 2024; Comenda Literária "Pablo Neruda" Ed Mágico de Oz Chile 2025; Prêmio Melhores do Ano Editora Letras Virtuais 2024; Prêmio 100 Melhores Poetas-Escritores da Língua Portuguesa Brasil-Portugal Paraty 2024; Destaque Literário Award Ceremony Lisboa-Portugal 2024; Participação da Expo Poema Cairo-Egito 2025; Participação Antologia Machado de Assis Rio de Janeiro 2024; Participação Tales and Legend form Brasil (Contos & Lendas) Madri-Espanha 2025; Participação Antologia Dante Alighieri Firense-Italia 2025; Participações em várias Antologias Poéticas e Concursos Literários 2023-24; Graduado em Odontologia e Administração.

O amor nasceu num dia de vento, quando os ipês despejavam suas flores douradas sobre a calçada e o tempo parecia suspirar. Eles se conheceram no último ano do ensino, quando ela o viu nos intervalos tocando violão. Ele dedilhava canções que falavam de amor e paixão, e sem perceber, já havia roubado seu coração. Ela se apaixonou pelo som e pela alma que ele deixava escapar em cada nota. Ele, por sua vez, foi cativado pelos cachos castanhos dela, que dançavam ao vento, e pelo perfume discreto, de fragrância leve e divertida, uma mistura de romã e laranja com notas de maçã verde, framboesa, lírio d'água e flor de lótus. Era como se o aroma dela trouxesse consigo a essência de um amor recém-descoberto.

Seus encontros eram feitos de silêncios que falavam mais que palavras. No toque das mãos, havia um universo inteiro. No brilho dos olhos, segredos que apenas os apaixonados compreendem. Quando dançavam, eram brisa e chama, compasso e melodia, dois corpos que se buscavam sem medo do tempo. A cada amanhecer, ele trazia uma rosa colhida no jardim e um verso improvisado que fazia dela poesia. E ela, num gesto doce e secreto, sussurrava seu nome ao vento, como quem reza baixinho só para sentir a fé do amor.

Os dias se trançavam em promessas e risos, e cada um sabia que o outro era o único lugar onde moravam todas as certezas. Entre eles, havia um jogo de sedução que roubava a paz e deixava o desejo em carne viva. Era um amor sem margens, sem freios, como um rio correndo solto, alimentado por saudades e gestos pequenos, pela simplicidade dos dias em que se bastavam. O amor deles tinha cheiro de tarde preguiçosa, gosto de beijo roubado, calor de abraço que nunca quer terminar.

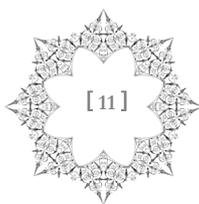
O tempo, sempre caprichoso, um dia resolveu testar a eternidade que vivia neles. Foram obrigados a se separar, pois os pais dela decidiram que precisava terminar os estudos longe dali. O destino, implacável, desenhou caminhos distintos, e lágrimas correram sob os olhos apaixonados e tristes, sabendo que aquele adeus poderia ser definitivo.

Restaram os ecos do que foram, cartas dobradas com cuidado, bilhetes escondidos no vão dos livros, fotografias que sorriam de outros tempos. Tudo guardado numa caixa de madeira escura, atada com fita vermelha, como um segredo que nunca se esgota. Quem teria coragem de abrir aquela caixa e despertar as lembranças? Quem ousaria tocar o que

é eterno? Mesmo separados pelo destino, eles nunca deixaram de se pertencer. Ele, ao ouvir uma melodia conhecida, sentia o toque dela na pele. Ela, ao ver um ipê florido, sentia o olhar dele sobre si, com o mesmo fervor de antes.

O amor se aninhava em memórias vivas, em gestos esquecidos e na esperança silenciosa de um reencontro. Mais de dez anos depois, ela, folheando antigos cadernos, encontrou velhas anotações repletas de declarações de amor e, entre elas, o contato dele. Curiosa, mas envergonhada, hesitou por instantes. O coração batia descompassado. Decidiu ligar. Queria, pela última vez, escutar aquela voz inesquecível, como se o tempo pudesse se dobrar e devolver-lhe o que jamais deixou de ser seu.

Surpreendentemente, ele atendeu. Disse um simples alô. Ela se estremeceu toda, seu coração saltou à garganta, e timidamente, sem conseguir conter o turbilhão de sentimentos, apenas sussurrou: "Sou eu, meu amor." Ambos ficaram em silêncio, como se aquela pausa durasse uma eternidade. Nenhuma palavra era suficiente para conter o que haviam sido, o que ainda restava. Mas a vida seguiu seu rumo, e a ligação se encerrou. Eles tinham agora vidas distintas, filhos, compromissos, rotinas que não permitiam desvios. Ainda assim, naquele breve instante, algo dentro deles voltou a existir, um eco suave de um amor que nunca deixou de ser. E assim, seguiram vivendo no tempo dos apaixonados, onde o amor não se mede, não se pede. Apenas é



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo de amar

Por Allan Gonçalves Bueno

Allan Gonçalves Bueno é natural de Curitiba e escreve poesias e reflexões sobre a vida e o cotidiano. Seu maior prazer é transformar sentimentos e momentos em palavras leves, como uma conversa entre amigos. Tem três grandes paixões: a família, a informática e a poesia.

Um tempo para exalar amor

Um tempo para sentir o cheiro da flor

Um tempo para perceber as mais variadas texturas na arte do pintor

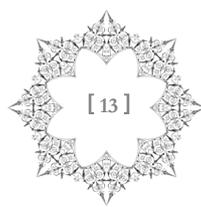
Um tempo para encher a vida de cor

Um tempo para adoçar os ouvidos com a voz doce do cantor

Um tempo para esquecer o rancor

Um tempo para reverberar as belas estrofes do autor

Um tempo para recordar a pureza e ternura de um lindo beija-flor



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

José Luís Pedrosa

Por Artur Molina

Artur Molina é escritor, psicanalista, professor doutor em Psicologia, escreveu vários livros entre eles "O que Freud dizia sobre as mulheres", Editora UNESP; "Freud: uma entrevista"; "Crônicas do Analista"; "Alberto e seus medos"; "Quem é você", todos publicados pela iPerfil Editora.

Eram 6h45 da manhã, José Luís Pedrosa entrava na estação de trem de Valência. Um belo edifício gótico construído entre 1906 e 1917. Com tantas histórias de encontros e despedidas, cada tijolo da estação guardava saudades pelos que nunca mais voltaram e eram amados. E, também, de alegria por aqueles, que no sentido contrário, não eram amados e não deveriam voltar nunca mais.

Dentro daquela estação iria acontecer algo que ficaria gravado na memória de três pessoas que a partir das diferentes perspectivas fariam parte desta história em três versões. A de José Luís Pedrosa, Ramón Pedrosa e Miguel Hernandez.

José Luís Pedrosa teria um dia de despedida. Seu filho Ramón voltava ao Brasil depois de 3 anos de pós-graduação em Madri. Tinham uma relação tipo "Bob pai e Bob filho". Também discutiam que aos olhares alheios a contenda representaria uma cisão definitiva. Que nada! Logo já estavam conversando sobre alguma coisa e tudo o que se havia falado na contenda estava esquecido. A saúde está no esquecimento. Por isso era um dia triste. Ramón era o filho que sempre o apoiou em tudo, inclusive nos pecados do pai. Aliás, ele acreditava que Ramón virou um homem depois de perdoar seus pecados de pai.

Ramón achava que seu pai já tinha vivido coisas demais para ficar com coisinhas de filho queixoso de ter sido amado de menos. Coisas que todo filho acha.

José Luís Pedrosa nasceu sob as bombas da Guerra Civil Espanhola. Família numerosa, eram 8 irmãos e pouca comida. Sua mãe Mercedes Funchal era professora. Como era comum na Espanha da época, a professora dava aulas numa sala no térreo do edifício de duas plantas e vivia no andar de cima da sala de aula. Havia alunos de diferentes idades e de diferentes conteúdos, de modo que, Mercedes Funchal tinha que se desdobrar para ensinar as vogais para um grupo; a tabuada para outro; literatura para um terceiro. Enfim uma tarefa impossível. Mas a Espanha era um país que amava o impossível.

De vez em quando Mercedes Funchal perdia a cabeça, a esperança, a compostura e o penteado, sentando a mão na cabeça de um aluno que se recusava a aprender. Um dia Ramon assistiu essa cena e ficou absolutamente chocado, ele tinha 5 anos e estava visitando a Andaluzia. Não imaginava que sua avó fosse capaz de semelhante atitude.

Aquele anjo que ela parecia ser se desfigurou e a escola para Ramón se tornou um futuro amedrontador.

O pai de José Luís Pedrosa, Paco Pedrosa, era um investidor de projetos fracassados e bebia muito para criar uma névoa de pensamentos que negavam essa realidade. Diziam que quando era pequeno, na idade de 3 anos, pegou fogo no casarão onde a família vivia. Paco Pedrosa estava no andar de cima. Quando chegaram os bombeiros havia uma gritaria de vizinhos, dizendo: El niño!!! El niño!!! El niño!!!, apontando para cima. A criança não foi encontrada na casa. Talvez o pobre Paco tivesse desaparecido, consumido pelas chamas. Foi quando os bombeiros viram uma criancinha sentadinha na sarjeta. Era el niño! As pessoas, cheiras de surpresa, perguntaram para Paco Pedrosa quem o havia resgatado. Ele disse que era uma senhora com um manto branco, pegou-o no colo e, serenamente, o deixou na calçada e depois de um beijo no rosto, desapareceu. Depois desta história Paco Pedrosa ficou devoto de Nossa Senhora das Angústias e não se separou dela nunca mais. Ela o tinha salvado.

José Luís Pedrosa, filho de Paco e pai de Ramón, foi estudar na Real Marinha de Guerra Espanhola. Estudar e comer, finalmente. A alternativa à marinha seria o seminário. José Luís Pedrosa sentia pânico de pensar-se padre. Todo dia entre aves marias e fiéis cheios de pecados numa vida casta. Um horror! Ele preferiu a marinha porque deve ter se identificado com a história de nunca parar. Era apaixonado pelo movimento e o slogan "um amor em cada porto". Como José Luís Pedrosa adorava! E o levou muito a sério! Era um excelente marinheiro. E amava o mar e amava amar! Com aqueles olhinhos de menino pidoncho.

Um dia aconteceu um acidente com submarinho. Muitos morreram. José Luís Pedrosa era naquela altura perito agrimensor. Diante daquela tragédia, abandona a marinha vai fazer a América. Embora tenha ficado sempre nostálgico do mar e dos portos. Costumava dizer que seria capitão de corveta se tivesse escolhido ficar na marinha. Mas fora isso ele não gostava do passado. Não falava sobre ele. Parecia até um criminoso que evadiu-se do lugar do crime e toda a sua história deveria ser sepultada para que não fosse descoberto.

Ao entrar na estação àquela manhã, José Luís Pedrosa vê que o filho Ramón parar na frente de um guichê para comprar um bilhete de loteria. Logo vai dizendo que era uma "tonteria". Pensava que seu filho perdia muito tempo com histórias de amigos e gentilezas.

Pura perda de tempo. Mas decidiu não interferir. Já era bem grandinho para fazer suas escolhas.

Caminha sozinho em direção à plataforma para cuidar que o trem não partisse sem seu filhinho. Foi aí que aconteceu algo que José Luís Pedrosa gostaria de evitar, mas não teve como. Teria preferido fazer de conta que não viu. Se deparou com Miguel Hernandez, o marido de sua amante Carmen. Tentou se desvencilhar deste com urgência, embora Miguel Hernandez não parecesse muito afetado com as traições de Carmen. José Luís Pedrosa era mais um na fila de amores de sua esposa. E, se fosse matar a todos os homens que Carmen seduziu, seria considerado um serial killer. E morreria na cadeia. Estava preferindo mesmo era conduzir trens para lá e para cá, tomando "carajillo", café com conhaque.

Não deu tempo da reunião entre o amante e o marido traído se desfazer. Ramón chega e pega seu pai na inusitada situação de fazer um social com Miguel Hernandez. Tentando parecer natural disse a Ramón:

— *Este és Miguel, marido de Carmen.*

Disse isso numa correria com medo de Ramón, que sabia de tudo, dissesse alguma coisa que pudesse comprometê-lo ainda mais. E para a situação ficar ainda mais grave ouviu Miguel Hernandez dizer a seu filho:

— *Te voy a llevar a Madrid!*

José Luís Pedrosa se viu mergulhado no pânico. Miguel Hernandez era o maquinista do comboio naquele dia. Imaginou que Miguel Hernandez era um homem muito estranho. Seria capaz de entrar numa curva e assassinar seu filho, por vingança, fazendo o vagão onde estava Ramón desprender-se e cair numa ribanceira. E ribanceira era o que não faltava na Espanha.

José Luís Pedrosa conheceu a maldade, o ódio e a tragédia. Por isso orientou sua vida para os prazeres do mundo.

José Luís Pedrosa conheceu a maldade, o ódio e a tragédia. Por isso orientou sua vida para os prazeres do mundo. Lamentou naquela hora seu apreço pela luxúria. Certamente o Senhor e as ave marias do seminário, que ele havia desdenhado, certamente tinham vindo puni-lo. Pensava que essa gente adorava o pecado para poder

castigar. Morreria se isso acontecesse. Pensou em pedir perdão e dizer que nunca mais olharia para uma mulher, nunca mais beijaria uma mulher, nunca mais amaria uma mulher.

Foi quando o trem apitou dizendo que era hora de dizer adeus. E assim foi. O trem partiu.

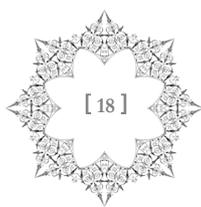
José Luís Pedrosa passou horas intermináveis pensando se o filho estaria vivo, morto ou ferido. Foi quando tocou o telefone. Uma voz linda e familiar vinha do outro lado:

— Oi pai, cheguei em Guarulhos, beijo.

— Que bom filho! Fez boa viagem?

— Sim pai, mas estou com o corpo moído pela malvada poltrona da Iberia. Beijo!

José Luís Pedrosa suspirou aliviado. Não foi desta vez.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Ramón Pedrosa

Por Artur Molina

Artur Molina é escritor, psicanalista, professor doutor em Psicologia, escreveu vários livros entre eles "O que Freud dizia sobre as mulheres", Editora UNESP; "Freud: uma entrevista"; "Crônicas do Analista"; "Alberto e seus medos"; "Quem é você", todos publicados pela iPerfil Editora.

Eram 6h45 da manhã. Ramón estava na estação ferroviária de Valência. Um prédio belíssimo merecedor da história que estava prestes a acontecer dentro dela.

O trem partia para Madri às 7 horas. Ramón estava apressado, quase esbaforido, com bagagem de quem iria voltar ao Brasil depois de 3 anos de estudos de pós-graduação. Mas, antes de ir à plataforma, Ramón vê uma casa de loterias. Decide comprar um bilhete para seu amigo sírio Jamal. Ramón pensou em fazer um agrado com o amigo, afinal era um sonho dele ter um bilhete do maior prêmio de loteria do mundo. "El gordo de la Primitiva" como era chamado, aliás muito esquisito esse nome. Entendo o "El Gordo" porque o prêmio é muito vultoso. Algumas centenas de milhões de euros, com sorteio no Natal. Só não entendi o "Primitiva". Talvez uma alusão ao primitivo desejo humano de querer mais...mais...mais...mergulhado num ciclo perverso de buscar sempre aquilo que não tem. Principalmente por dinheiro. Como o gosto pelo dinheiro move montanhas, enterra cachoeiras, derruba árvores, compra carros, palácios e amor, beleza e autoestima.

Seu pai, que o acompanhava para as despedidas, achou um despropósito gastar 100 euros por um bilhete de loteria. Também achou uma bobagem por que nem para Ramón era, o tal bilhete.

A distância entre um pai e um filho nunca é a mesma. Varia. Não é só uma distância geracional porque ela varia conforme o momento. Tem hora que a proximidade é acolhedora, afinal era longa história juntos, 33 anos até aquela ocasião. Mas em alguns momentos a distância era abismal. Ramón achava estranho que o pai não tinha amigos, não sabia o que era amizade. Já Ramón perdia o centro de si sem seus amigos. Por isso foi tão sofrida a longa temporada espanhola. Mas deve-se advertir que Ramón era de conversa fácil e sempre tinha um amigo por perto. Era uma condição vital para ele.

Ramón, a esta altura, não costumava ouvir muito seu pai. Pensava que ele não sabia mais de suas andanças e nem de quem ele era. Ramón se considerava um homem, quase feito, e um senhor, com o qual compartilhou sua vida, não sabia mais dele. Pelo menos neste momento. Talvez tivesse que esperar a translação dos afetos para ver a terra no horizonte.

Foi até o guichê ficou olhando para um espanhol com cara de nada por trás do vidro. Pensou que seu pai, muito a contragosto, poderia ter razão, que era uma bobagem gastar 100 euros num bilhete de loteria por uma promessa de centenas de milhões de

euros, ainda mais para o Jamal, que, a rigor, nunca tinha feito nada por ele, salvo alguns churrasquinhos de kafta com tabule.

Desistiu do cara de nada e foi em direção a plataforma onde o Talgo o esperava. Seu pai já estava lá conversando com um homem. Pouco típico. José Luís gostava de conversar só sobre negócios. Quando Ramón o vê ali, trocando uma conversa, pouco animado, com um estranho, pensa que há algo fora da ordem no ar da estação. A cara de laranja do pai chamava muito a atenção de Ramón. Tinha coisa aí.

Ramón se acerca a eles e seu pai, ligeiro, logo vai se explicando. Este é o marido de Carmen. Logo viu porque o clima era tenso.

Seu pai era louco por Carmen. Ramón já a conhecia. Estava habituado as paixões de seu pai. Passou a vida assistindo seu pai sempre muito motivado com as mulheres. Não era do tipo canastrão que logo ia se encostando com conversa mole, autorizando-se a invadir um espaço para fazer cócegas com as meninas. Ao, contrário, José Luís Pedrosa era discreto, elegante, cavalheiro. Tinha uns olhos de menino que pedia socorro. Sabia como fazer. E não era uma performance. Ele era assim, naturalmente querido. Carmen não resistiu aos encantos de um homem que só seria feliz com ela. Sentia-se amada. Tinha um lugar no pequeno espectro do desejo de José Luís. Carmem ia se derretendo no coração pouco indiferente do pai de Ramón. Um sedutor que ia derrubando fronteiras no campo do amor. Não havia adversários a não ser a perda da oportunidade.

Ramón se perguntava porque era tão conivente, cúmplice do seu pai e seus amores clandestinos. Não sabia. Só era assim. Eram fisicamente muito parecidos com um genótipo típico espanhol: compleição moura, muito cabelo e muita vontade de se agasalhar no corpo de uma mulher. Estava no DNA de pai e filho.

De repente, Ramón acorda do turbilhão de emoções que o invadiu naquela plataforma. O trem desesperado apitava dizendo que iria partir. Foi quando o homem, com uma cara estranha e uma tristeza vingativa até então desconhecida, disse:

— *Te voy a llevar a Madrid!*

Foi quando Ramón percebeu que o homem desconhecido, marido de Carmem, era o maquinista do trem. Ramón sentiu um frio, não só na espinha, mas no ser, na alma, em todos os lugares da esfera self. Se imaginou sofrendo um atentado, vingança do marido

traído. Morreria da pior forma possível: morte de passageiro, laranja, sem ter tido nenhuma ação concreta para merecer a honra de ser morto por alguém que o odeia.

O trem se desloca lentamente, um passo a passo com uma paciência descomunal. E ela vai valendo a pena já que o comboio ganha velocidade cada vez maior. E mais velocidade. E mais, mais, mais. Ramón suava gelado agarrado na poltrona. Morreria de passageiro. Não tinha muito o que fazer a não ser se recriminar por não ter levado a sério sua intuição. Foi treinado a não agir conforme suas percepções loucas. Por isso morreria. Tinha pena de seu pai, passaria a vida com lágrimas nos olhos, silencioso em todos os entardeceres, lembrando do filho. Sentia ter matado o filho por sua luxúria.

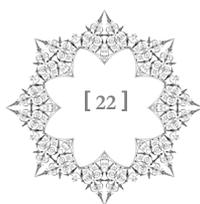
E assim foi o Talgo na sua performance olímpica de encontro a sua curva fatal. E o maquinista irado fazendo da morte seu destino. Foi quando uma campainha tocou suavemente. Ramon acordou.

— *Din-dón!*

Uma voz que parecia a de Carmem, contundente mas amorosa, diz:

— *Estación Alcazar de San Juan, cuidem de no olvidar sus objetos personales. Gracias por elegir estar con nosotros!*

Não foi dessa vez.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Miguel Hernandez

Por Artur Molina

Artur Molina é escritor, psicanalista, professor doutor em Psicologia, escreveu vários livros entre eles "O que Freud dizia sobre as mulheres", Editora UNESP; "Freud: uma entrevista"; "Crônicas do Analista"; "Alberto e seus medos"; "Quem é você", todos publicados pela iPerfil Editora.

Eram 6h45 da manhã, Miguel Hernandez entra na estação de trens de Valência. Se perguntava como todos os dias eram iguais e viver era uma experiência de profundo tédio. Fazia 20 anos que comandava o trem "Talgo" que fazia a rota Valência-Madri-Valência. Era uma viagem curta de pouco mais de 3 horas. Sentia-se como se estivesse sendo sequestrado pelo trem que zombava dele, levando-o de um lado a outro sem nenhuma consideração.

Não gostava de Valência, tampouco de Madri. Miguel Hernandez não gostava de nada. Era um inapetente com a vida. Um desadaptado que tentava esconder dos outros com muito esforço esse pecado. Mas a verdade sempre aparece. E numa dessas ocasiões foi chamado pelo chefe de estação indagando-o sobre seus hábitos de beber no trabalho. Miguel Hernandez não achava que que isso pudesse comprometê-lo já que a Espanha enchia a cara todos os dias. Até sua tia Cibele, todas as manhãs, quando ia ao mercadinho dava um tapa num conhaque no café da esquina.

A Rede Ferroviária queria acabar com as condutas inapropriadas de seus funcionários. Bêbados, deprimidos, drogados deveriam receber cuidados médicos a fim de que possam ser reintegrados. Miguel Hernandez teve que assinar um papel dizendo que era um depressivo convicto e que precisava de médicos com a indústria farmacêutica debaixo do braço. Miguel adorava psicotrópicos e não se importava com o senso comum de que estes medicamentos viciavam. Para Miguel Hernandez a vida só era suportável com algum vício. De cara limpa não poderia encarar os trilhos sempre tão iguais.

Miguel Hernandez era filho de Dom Miguel Hernandez e de Dona Encarnación Romero. Era o sexto filho de 10 irmãos. Todos muito pouco solidários diante de uma vida de muita escassez devido a guerra civil. Nessa época a família migrou para um sítio que ficava entre montanhas. Pegaram um trem com diversas baldeações. Depois com a ajuda de burros andaram entre as montanhas por três dias. Lá estava o sítio de seu avô paterno de Miguel Hernandez. O lugar era tão esquecido que a guerra se esqueceu de ir lá. Produziam porcos, chorizo, jamón e hortaliças. O vizinho produzia leite e queijos. As cabras eram abundantes. Outro vizinho tinha oliveiras e se produzia azeite. E, por último, tinha um outro que produzia vinho. Assim aquela comunidade fazia as trocas e todos estavam bem felizes pois eram autossuficientes. Não precisavam de nada, nem de Deus, pois não havia padres e nem igrejas. Só as lebres correndo pelo campo.

Acabada a guerra, Miguel Hernandez volta para Alcorcón e encontra a cidade destruída. Soube que sua professora Sra. Alice Almudena que o havia alfabetizado tinha "passeado" pela cidade em cima de um pequeno caminhão militar amarrada, nua e defecando. Os franquistas tinham dado laxantes para zombar e humilhar a republicana. Eles não gostavam de professores.

Todos estes acontecimentos deixaram Miguel Hernandez triste e não era uma tristeza passageira como costuma ser. A tristeza de Miguel Hernandez era para sempre. Era uma tristeza que se levantava para trabalhar. Ela pagava impostos, ia ao mercado e passava férias em Benidorm. Ela tinha se apoderado de Miguel, estava encarnada nele. Por isso a única coisa que ele desejava era embriagar-se.

Miguel Hernandez sofria de ausências e não de faltas. Na falta sempre tem um personagem, com história, RG, CPF e um endereço. Na ausência não há endereços, só trilhos, não há números que dirão quem você é.

Acabou casando-se com Carmen Simoneti. Porque assim tinha sido determinado por dona Encarnación Romero. Era um martelar todos os dias que ele precisava se casar. E assim foi que Carmen Simoneti entrou no seu destino. Miguel Hernandez colocou o terno cinza com um cravo vermelho na lapela e foi para aquele evento social com sua tristeza: sua parceira indissolúvel.

Miguel Hernandez era um assexuado, ainda assim teve uma filha: Clara Hernandez. Depois disso, Carmen Simoneti, praticamente, desapareceu de sua vida. A vida dela era independente. Embora vivessem na mesma casa, mal se viam. Ele sempre na frente do vagão, comandando suas viagens para o nada. Já Carmen Simoneti, acompanhada de sua filha e da imagem de um marido inadimplente, vivia a andar por aí para ver um mundo de pessoas. Era tudo o que seu marido detestava. Miguel Hernandez tinha pouco apreço pela humanidade. Pensava que ela era desumana fingindo ser humana. Era hipócrita e cruel.

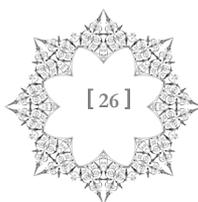
Aquele dia era um dia como qualquer outro. Miguel Hernandez tinha tomado um "carajillo" e ia levar um trem para Madri. Na plataforma viu aquela figura patética que estava saindo com sua mulher: José Luiz Pedrosa. Esbaforido achando que ia perder o trem. O pânico de todas as pessoas que frequentavam a estação.

Não foi possível evitar aquele encontro. Estavam frente a frente. Miguel Hernandez não tinha outra alternativa a não ser assistir ao teatro de José Luiz Pedrosa, tentando ser

agradável e dando um ar de que não tinha nenhuma intenção com Carmen Simoneti. E, se isso não era suficiente, chega na plataforma um garotão que era a cópia do pai e deveria ser tão patético como este. Não tinha o que dizer, mas tinha que dizer algo que revelasse o mais mínimo contrato social, assim Miguel Hernandez diz o seguinte:

— *Te voy a llevar a Madrid!*

Depois disso Miguel Hernandez aproveita os 5 segundos de silêncio na conversa do trio e foge dali. Toma outro "carajillo" e acelera a máquina do trem, mal dizendo o mundo das pessoas.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Marília Lessa

Por Artur Molina

Artur Molina é escritor, psicanalista, professor doutor em Psicologia, escreveu vários livros entre eles "O que Freud dizia sobre as mulheres", Editora UNESP; "Freud: uma entrevista"; "Crônicas do Analista"; "Alberto e seus medos"; "Quem é você", todos publicados pela iPerfil Editora.

A roda gigante parou bem no alto. A situação era para ser preocupante, mas, naquela noite, haviam situações bem mais preocupantes que tornavam a pane do brinquedo em um detalhe daquela quermesse na vila Maceno nos anos 70, em Rio Preto.

Ramón estava acompanhado de Marília Lessa, a amiga de seu pai. Amava-a de paixão! Era uma mulher alegre, ativa, risonha, feliz. Marília tinha crescido entre caixões de defunto. Seu pai tinha uma funerária e a morte era o ganha pão da família. Mas esse destino funesto que acompanha a humanidade e que Marília respirava diariamente não foi suficiente para estragar a sua infância. Pelo contrário, talvez isso a tivesse feito mais destemida. Costumava contar que ela e seus irmãos brincavam no meio dos caixões.

Ela tinha um consultório de medicina e Ramón era seu paciente, além de ser filho do amigo dela. Naquela época a infância não sabia nem de chinelos e nem de camiseta. Era um calor e uma seca nunca vistos naquele interior paulista. Foram 5 anos de seca. Não caía uma água naquele lugar. Era horrível. A poeira tomava conta de tudo.

De tarde em tarde, Marília descobria uma verminose em Ramón, de tanto pé no chão e de brincadeiras na enxurrada, quando chovia, o que era raro.

Ramón amava Marília porque era uma mulher moderna e anunciava o futuro das mulheres com as quais ele conviveria quando fosse grande. Dirigia um jeep pela cidade, com um ar de naturalidade surpreendente naquela terra de coronéis. Mas não era os jeep com direção hidráulica e ar condicionado de hoje. Eram aqueles veículos de marcha seca, indestrutíveis, tração em todas as suas rodas, derrubando picadas, usado por desbravadores, prófugos da justiça, garimpeiros, etnógrafos, engenheiros, agrimensores e outros aventureiros mato a fora.

Marília era uma desbravadora urbana. Usava calça comprida e fumava. Era um escândalo! Mas ela não ligava. E como Ramón achava divertido tudo isso! Mais do que isso! Ele amava que existissem mulheres assim. Até então ele só conhecia sua mãe, Francisca Cortez, uma mulher doente, deprimida e triste. Francisca Cortez era feita de saudade. Passava a vida a esperar. Assim, Marília podia ser aquilo que uma criança como Ramón precisava: uma alegria de viver.

Mas não era só Ramon que amava Marília. José Luiz Pedrosa também a amava. Ramón percebeu que quando ao telefone seu pai sussurrava, era por que tinha alguma

coisa suspeita. Os sussurros eram as vozes do amor e da noite. Era preciso esconder os amores clandestinos do resto da família. Essas eram as suspeitas de Ramón.

Um dia tocou o telefone. Seu pai atendeu e as vozes eram da noite:

— Olá, onde você está? Sinto sua falta... Espere... já te ligo... seus lábios são meu alimento...

José Luís Pedrosa desliga o telefone preto fixado na parede e sai de casa. Desceu a Rubião Júnior por algumas quadras no seu corcel vermelho e parou no posto Texaco do seu Valsechi. Ramón foi a pé. Era descida. Ao chegar no posto viu José Luís Pedrosa conversando animadíssimo ao telefone emprestado do posto. Agora não eram sussurros, era uma conversa de namorados lícitos. Declarações de amor e de promessas eternas, talvez. Ramón só via felicidade em seu pai. Com ele foi aprendendo que a felicidade era o amor e tinha nome de mulher.

Naquela noite Ramon, acompanhado de Marília, foi visitar sua mãe adoentada por muitos anos por sequelas da guerra civil. Estava há 15 dias no hospital. Tinha sido trazida por Marília que atendeu a chamada de Suzana, irmã de Ramón. As crianças estavam sozinhas com a mãe que vivia seus últimos momentos. Não sabiam onde estava José Luís Pedrosa. Colocaram-na num táxi de forma muito desajeitada. Em disparada foram rumo à Beneficência Portuguesa. Ramón assistia tudo sentado na sarjeta. Em solidão diante do cenário da procissão.

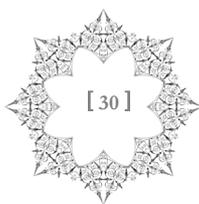
Era uma quinta. A noite dominava tudo. Ramón e Marília entraram no quarto. Francisca Cortez estava em semiconsciência. Um pouco que sonhava com seu pai em Linares, a cidade de sua infância. Havia muitos anos que não o via. No sonho, passeavam no passeio público numa noite de verão comendo "macetas de merengue", um perfume de jasmim acompanhava os dois. Tudo era perfeito. Francisca Cortez amava aquele pai mais que nada no mundo. Talvez mais do que a Ramón. E como foi bom aquele passeio.

Ramón se desesperou com o mercúrio cromo que fora pintado em toda a extensão do braço da mãe. Era um péssimo sinal. Expulsos daquele quarto pela morte, Marília e Ramón saíram do quarto. Apenas pensavam juntos de como as pessoas antigas tinham uma capacidade maior de suportar o sofrimento do que as jovens.

Um silêncio definitivo foi interrompido por Marília que repreendia Ramón pelo desespero. A intenção dela era não revelar a Francisca Cortez que seus dias acabavam. Ramón não pode ser diferente.

Marília também se desesperava. Entre a culpa pelo amor que sentia por José Luís Pedrosa, marido de Francisca Cortez e o medo do que estava por vir.

O jeep andava como que perdido levando Marília e Ramón. Avistaram pelo parabrisas uma noite iluminada. As crianças imploravam para seus pais uma fichinha para rodar com os cavalinhos, carregando as prendas que haviam ganhado na pescaria de papel. Era a quermesse da vila Maceno. Subiram na roda gigante armados de uma maçã do amor cada um. Ramón também comia uma maria mole. A roda-gigante, sensibilizada pelo sofrimento daqueles filhos de deus, resolve parar. O tempo parou: Ramon e Marília ficaram conversando como se fossem namorados se esquecendo daquilo que tinha que ser esquecido. E o resto de tristeza, a brisa da noite naquele alto, se encarregava de amenizar. Ramón queria ficar lá para sempre. Com Marília.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Dolores Pedrosa

Por Artur Molina

Artur Molina é escritor, psicanalista, professor doutor em Psicologia, escreveu vários livros entre eles "O que Freud dizia sobre as mulheres", Editora UNESP; "Freud: uma entrevista"; "Crônicas do Analista"; "Alberto e seus medos"; "Quem é você", todos publicados pela iPerfil Editora.

Dolores Pedrosa não era só uma mulher espanhola, ela era andaluzia. Moura de cartão postal. Morena, olhos negros, rosto e tronco muito bem intermediados por um discreto pescoço, que homens adorariam beijar, sentindo um perfume de jasmim numa noite de verão, anunciando o acontecimento sagrado da beleza. Seus olhos eram expressivos que levavam aos lindos continentes do Sahara. Os lábios de cor carmesí, carnudos que viviam beijando as bochechas de Ramón. Poucos homens ou talvez nenhum conheceram o amor daqueles lábios.

Tia Dolores amava seu sobrinho e, principalmente, a beleza que ela protagonizava de forma contundente em si, na frente do espelho. Só via o mundo pelo viés da estética. Odiava tudo que era feio. Se fosse feio sejam pessoas, objetos, cidades, poemas, ela cancelava. Era uma vingadora da beleza. Passava seus dias amando o que era belo. A imagem de Nero com sua arpa é algo semelhante a Dolores Pedrosa. Claro que jamais tia Dolores iria queimar Roma porque simplesmente a cidade era bela e essa condição lhe dava a prerrogativa de cidade eterna.

Quando se encontrava com algo horrendo, seu dia acabava. Chorava de tristeza, se perguntando porque o mundo não era feito só de coisas belas. Não era justo que além do fardo da vida tivéssemos que suportar os feios, as feias, e todo o resto de feiura que havia no mundo.

Apesar de tia Dolores anunciar a vida como fardo, ela não veio ao mundo a trabalho. O espelho era seu habitat. Sua imagem era o único planeta que era importante. Veio ao mundo para passar horas na frente da penteadeira até que estivesse pronta para ir às compras de "jureles" (peixe parecido com sardinha) e aspargos para o almoço que ela iria preparar para ela e o sobrinho. Ramón, desta feita com 13 anos a acompanhava no percurso até o mercadinho em Málaga. Tia Dolores fazia a festa dos operários empoleirados nos andaimes pela rua e gritavam:

— Guapaaa!

E ela respondia:

— Adiós!

Ramón ficava indignado de ver sua tia correspondendo ao flerte cheio de cimento de pedreiros pendurados nas alturas. Achava grotesco. Tinha ciúmes. Não porque queria sua

tia para ele. Era porque ele a achava tão bela que aqueles operários não eram dignos de sua voz dizendo "Adiós". Considerava que com essa atitude Dolores Pedrosa se prestava a um baixo requisito. E era verdade. Mas esse assanhamento todo não era porque ela queria amar alguém, se encontrar com uma pessoa e passar a vida com ela, ter filhos, casa própria e avental. Nada disso. Dolores Pedrosa era a mais bela flor do narcisismo. Seu único desejo era ser amada por sua beleza. Não pelo seu caráter, suas qualidades interiores. Queria ser amada apenas porque era bela num continente de feios. Sua beleza era sua contribuição a um planeta de humanos desdentados. E considerava que era uma participação muito relevante. Porque a humanidade precisava, antes de tudo, do belo. Não era comida, saúde, segurança, teto e trabalho. A humanidade precisava de beleza.

Em coerência com isso Dolores Pedrosa deu um jeito de viver sem ter que trabalhar. Essa história de que o trabalho dignifica o homem, não encantava Dolores Pedrosa. Achava isso discurso de cristão.

Se casou com um ancião australiano, de origem britânica e diplomata. Ele morreu logo e deixou uma polpuda pensão em dólar. Essa pensão tinha uma condição: de ficar solteira para sempre. Aquilo era mamão com açúcar para tia Dolores que navegou pela vida sem nenhum compromisso com homens ou com trabalho. Passava sua vida entre a literatura e a vista do Mediterrâneo do terraço de seu apartamento comprado com dinheiro australiano.

A primeira vez que veio ao Brasil, Ramón tinha 2 anos, Dolores Pedrosa, em viagem oficial de seu marido, foi recebida com entusiasmo no Aeroporto de Viracopos. Foi confundida com Sara Montiel, uma cantora espanhola linda e famosa da época, estávamos em 1960. Ela ficou indignada, gritando pelos quatro cantos do aeroporto que ela era muito mais bela que Sarita Montiel. Essa era tia Dolores. Uma personagem digna de espanto. Linda e distópica.

Quando morreu a mãe de Ramón, Francisca Cortez, tia Dolores se alçou sem temor a uma função que também era dela. Cuidar de seu sobrinho, aliás belo sobrinho, com olhos negros como ela, rosto bem bonito, pescoço bem dimensionados, pernas compridas, dentes perfeitos, cabelos negros da noite, um representante andaluz nos trópicos. Como Dolores Pedrosa amava isso tudo!

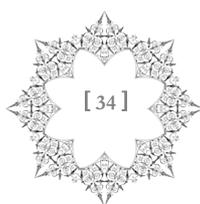
Como Ramón possuía a maior paciência do mundo aguardava horas sua tia se preparar diante do espelho para irem atrás do almoço.

Ramón também era seu cúmplice com um romance unilateral que tia Dolores mantinha com um homem. Ele era um belo exemplar de um espanhol típico. Andava muito alinhado com um terno riscado de giz, uma gravata amarela e um cravo branco na lapela. Era um homem muito alegre, gentil, elegante. Tocava violão, compunha músicas para tia Dolores e eles formavam um duo. Ela cantava, linda, feliz. Amava o amor que Felipe Garcia tinha por ela. Os olhos dele ficavam brilhantes quando estava com ela. Como ele amava isso tudo. Onde iam a alegria estava presente.

Ramón assista a performance toda divertindo-se com o encantamento que havia entre as pessoas.

A verdade é que Ramón era amigo das meninas, filhas de Felipe Garcia. Era tudo meio perigoso. Mas Ramón era só sigilo. Pensava que as coisas deviam ser matizadas. Que não se deveria ir com a espada da moral cortando cabeças felizes. Achava que no mundo sempre haveriam amores de um lado e tristezas de outro.

Ramón nunca deixou de visitar tia Dolores. Ele era feito de gratidão por aqueles que haviam recheado sua vida de cuidados, amor e a extravagância do inusitado. E Dolores Pedrosa o recebia com alegria. Claro que ele deveria esperar 2 horas para ser recebido no apartamento dela. Era o tempo para ela estar pronta. Naquele então Ramón era um homem feito. Depois de alguns dias com tia Dolores, anunciava a partida. Ela choramingava dizendo que Ramón havia chegado como "un águila estropeada" e agora que estava como um "cisne", depois dos cuidados dela, ia embora para "los desiertos de Almeria". Ramón achava graça na poesia que havia na tia Dolores. E como ele amava isso tudo.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

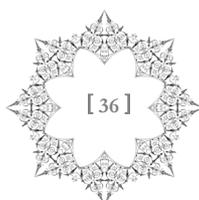
Já conheceu o amor?

Por Camila Pereira Diniz Furtado de Souza

Camila é nascida e criada em Belo Horizonte, atualmente reside em uma cidadezinha de 26 mil habitantes no interior de Minas Gerais, tem 44 anos, é casada e possui 2 filhos de 14 anos.

Desde pequena encontrou na escrita uma maneira de externar seus sentimentos, lidar com o estresse, angústias e decepções. Ainda é, especificamente, na poesia onde ela se encontra sempre que se sente perdida.

O amor não é o mais popular dos sentimentos
Pois, ele é forte, potente e quando encontra a gente
Acompanha muito sofrimento
E é difícil em alguém confiar
Há o medo de se entregar
É preciso pensar:
Vale a pena arriscar?
Perante o outro encontrar-se despido
Nossas vulnerabilidades
Defeitos e qualidades
Nas mãos de um desconhecido
Quem merece esse privilégio receber?
A quem “meu eu” irá pertencer?
Difícil responder!
E se não for correspondido?
Coração partido.
Então, entrego-me a paixão
Ao tesão
Que são intensos, mas não tem todo esse poder, não!
De destruir o coração.
Eles chegam
Intensamente
Animam o lugar
Vão-se embora repentinamente
sem hora para retornar
Há de se acostumar
Com esses fragmentos
De momentos
Que hão de ser um alento
Para esse corpo cansado de amar.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Estação dos Sonhos

Por Darci Eckert Junior

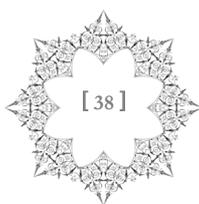
Estudante em tempo integral e poeta nas horas vagas. Criador da página Viagens de Uma Mente que, como o próprio nome revela, convida-nos a embarcar em uma jornada repleta de emoções intensas, traçada pelas palavras de um poeta apaixonado. A obra transcende a mera leitura, oferecendo uma experiência única que estimula a imaginação e desperta o sentimento mais genuíno de conexão com a própria existência.

Se eu ainda penso em ti? Como poderia te esquecer, meu bem? Sim, penso em ti desde o dia em que te vi, sozinha naquela estação de trem. Não tive coragem para te dizer naquele momento, mas você estava maravilhosamente bela aos meus olhos e, gentilmente, tomou para si todo e qualquer pensamento que eu pudesse ter.

Te guardo no coração como um sonho bom. Um sonho alegre, divertido, cheio de cores e repleto de sorrisos. Te guardo aqui, bem pertinho de mim, para que possa te sentir. Amo o cheiro dos teus cabelos, a leveza dos teus olhos e o toque das tuas mãos, que é mais que belo.

Eu quero te abraçar em momentos difíceis e para ti cozinhar. Quem sabe preparar aquele prato que você tanto gosta, acompanhado de taças de vinho? Quem sabe, comprar para ti rosas e, com carinho, te lembrar de tomar cuidado com os espinhos. Eu quero você.

Tua presença, sempre tão marcante, faz com que as horas voem como um delírio. E, talvez, seja esse o martírio: desejar te ver a todo instante. Juntos, somos como duas almas perdidas que se encontraram neste mundo de ilusões e, mesmo feridas, descobriram uma na outra a sua própria estação.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Onde a Poesia Te Encontra

Por Darci Eckert Junior

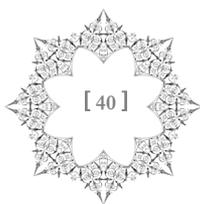
Estudante em tempo integral e poeta nas horas vagas. Criador da página Viagens de Uma Mente que, como o próprio nome revela, convida-nos a embarcar em uma jornada repleta de emoções intensas, traçada pelas palavras de um poeta apaixonado. A obra transcende a mera leitura, oferecendo uma experiência única que estimula a imaginação e desperta o sentimento mais genuíno de conexão com a própria existência.

Amo cada curva do seu corpo, especialmente aquelas que revelam ao mundo o brilho do seu sorriso mais que fofo, além de tão belo. Amo cada traço do seu rosto, até os mais delicados, como os lábios que carregam o doce encanto de um mel. Adoro despertar ao seu lado depois de uma noite revigorante, ainda encantado — ou melhor, extasiado — ao perceber que o que vivi nos sonhos mais utópicos se tornou real.

Quando estou perto de você, qualquer palavra que ousar escrever se transforma em poesia. Talvez porque, entre tantos pensamentos que poderia ter, neste momento só consigo pensar em você e no seu jeitinho que me parece mais que perfeito.

Quando penso nos seus olhos, sinto-me à beira de um desfiladeiro tão vasto e profundo quanto o céu estrelado que ilumina a noite. As estrelas, como guias silenciosas, apontam para um lugar único e misterioso — um lugar onde eu sempre te encontro como a musa que inspira minha jornada.

A sua companhia transforma até os dias mais cinzentos em um novo amanhecer. Suas histórias, contadas ao anoitecer, são tesouros que guardo com carinho, enquanto o som da sua voz me faz sentir amado, abraçado com mãos gentis, como jamais imaginei ser possível.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Incontáveis Buscas

Por Darci Eckert Junior

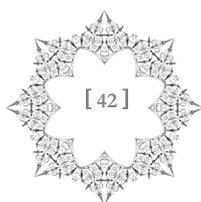
Estudante em tempo integral e poeta nas horas vagas. Criador da página Viagens de Uma Mente que, como o próprio nome revela, convida-nos a embarcar em uma jornada repleta de emoções intensas, traçada pelas palavras de um poeta apaixonado. A obra transcende a mera leitura, oferecendo uma experiência única que estimula a imaginação e desperta o sentimento mais genuíno de conexão com a própria existência.

Em quantas bocas eu já te procurei? Incontáveis vezes, eu sei. Quantas madrugadas passei nesses bares, vagando atrás de ti, perdido em meio a tantos sorrisos e olhares? Incontáveis noites, eu sei. Quantas cartas, cheias de sentimentos que transbordavam de mim, já te enviei? Incontáveis, eu sei. Mas, finalmente, posso dizer: eu te encontrei.

Cruzei por lugares sem fim até chegar aqui, ao teu lado, de onde não quero mais sair. Já percorri essas ruas noturnas tantas vezes, perdido em minhas próprias loucuras, que a solidão já se tornou uma velha companheira.

Nenhum toque se compara ao teu, nenhuma das curvas que minha mão já percorreu chega perto das tuas, e nenhum beijo que meus lábios provaram tem a doçura dos teus. Entre todos os sentimentos que você me ofereceu, o amor é o maior de todos — e sinto, com alegria, que ele é todinho meu.

Saiba que sempre ao meu lado você vai estar. Não importa para onde eu vá, te levo no coração, em forma de pensamento a me acompanhar, para que, em qualquer situação ou lugar, terei você como meu lar.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Companheiros Inseparáveis

Por Frances de Azevedo

Poeta. Escritora. Cronista. Contista. Possui várias obras publicadas. Pertence a algumas associações: Movimento Poético Nacional, Academia Cristã de Letras. IHGGS; COCCID-Comitê Cívico e de Cidadania da ACSP, etc. Obras publicadas, entre as quais: Poesias Sobretudo; África em Prosa, Versos e Reversos; Contos Esparsos. É detentora de medalhas, troféus, diplomas de honra ao mérito, entre os quais: Medalhas Constitucionalista e Governador Pedro de Toledo; Prêmio Literário Cidade de Porto Seguro/BA em 2009; etc.

Realmente ele era diferente. Bem diferente.

Seu porte atlético atraía a atenção de todos. Olhar negro e penetrante. As orelhas pontiagudas, sempre em sinal de alerta. Dentes excelentes, que indicavam vida longa.

Pernas finas e altas sustentavam um corpo de puros músculos: rijos, bem torneados.

A cor. Ah! Sua cor: entre o caramelo, o vermelho, o marrom. Difícil dizer exatamente.

Talvez um misto de todas.

Tinha uma estrela branca na testa. No lugar certo, segundo os entendidos no assunto.

A crina, caída do lado direito, indicava ser bom de corrida.

Seu nome: o mesmo nome do seu dono. Ou melhor, quase o mesmo.

.....

Quando tinha quinze anos de idade, Donizete, que vivia numa fazenda no interior de Minas Gerais, ganhou de seu avô paterno, um potrinho órfão que mal conseguia se manter em pé. A mãe morreu logo após ter nascido.

Foi criado por Donizete na base da mamadeira.

Quando seus olhares se cruzaram, na vez primeira em que foram apresentados, foi amor à primeira vista!

Então, a ideia do nome veio numa onda súbita: *Doni*. Sim, este seria o seu nome!

“Eu, Donizete, te batizo: DONI. Teu nome, de agora em diante, será Doni.”

Incrível, mas o potro entendeu muito bem! Não se fez de rogado e fez menção de um relincho, ou algo parecido, para dizer que aceitava!

Daí por diante, jamais se separaram...

.....

Logo que deixou a mamadeira, e como suas pernas estivessem bem mais firmes, passou a fazer longos passeios pela fazenda e pela estrada de terra que a circundava. Um ao lado do outro.

Às vezes, embrenhavam-se nos bosques, o dia inteiro. Subiam montanhas e montanhas por trilhas sinuosas e pedregosas. Assim, ambos iam se fortalecendo cada vez mais. Quando chegava lá, bem no topo, ficava admirando a paisagem: a casa, o curral, o estábulo, o pomar e o rio de águas cristalinas.

Como eram mágicos tais momentos de êxtase! Para sempre, ficariam em suas lembranças!

Na volta, o dono escovava Doni com vigor, muito amor e carinho. Dava-lhe uma espiga que era gostosamente mastigada, com aquele barulhinho característico!

Mais um dia se findava, rapidamente, naquele aprazível lugar.

Ambos contentes recolhiam-se para o sono merecido.

.....

Assim, transcorria o tempo.

Doni foi se transformando num belo e forte corcel, e Donizete num rapaz determinado e boa aparência.

Quando passou a montá-lo, Doni aceitou docilmente. Agora, sim, eram um só! Não se largavam o dia todo!

Muitas e muitas vezes, Donizete chegou a dormir no estábulo. Sempre achava um jeito, uma desculpa: ora, que seu cavalo necessitava ser medicado de tempo em tempo, quando apanhou uma virose; noutra, que precisava se levantar mais cedo e não queria incomodar ninguém da casa. E assim por diante...

Na região, todos já conheciam esses companheiros inseparáveis. Eram sempre admirados em sua passagem. Que belas figuras! Que dupla formidável!

.....

De certa feita, aconteceu de Donizete adoecer seriamente. Estranho mal lhe acometeu. Vieram médicos e mais médicos, inclusive especialistas, mas nenhum conseguia diagnosticar sua doença.

O animal ali ficou, junto à janela, dia e noite, à espera de seu amigo, até o dia do seu restabelecimento... que não foi por acaso...

Foi assim:

Como os dias iam passando sem que seu dono se levantasse, Doni desapareceu na parte da manhã de um dia qualquer. Ninguém deu por sua falta, já que se encontravam ocupados e muito preocupados.

Então, ele lá se foi para as bandas de um lugarejo próximo: o tal de Ribeirão Vermelho, onde morava um curandeiro de certa fama.

Ao se aproximar da humilde morada, o velho curandeiro viu o cavalo sem cavaleiro. Já o conhecia. Estranhou...

Doni, então, bateu com a pata esquerda várias vezes no chão. Era um sinal. O homem entendeu muito bem. Montou no alazão, que disparou rumo à fazenda.

Assim que chegaram, foram vistos pela mãe de Donizete que, surpresa, mandou que o médico da floresta entrasse.

Esquecera-se completamente dele, naquela sua insana luta para curar o filho! Mas, o grande amigo do seu filho...

Despiciendo dizer que Doni salvou a vida de Donizete!

.....

Assim como esse caso declaratório de amor, dedicação irrestrita, houve outros de maior ou menor importância entre eles, certamente, oriundos de sincera amizade e afeição entre o homem e o animal.

Vale à pena destacar, no entanto, o mais inusitado que ocorreu. E percebam que foi mútuo o acontecido:

Já, agora, Doni estava plenamente formado. Crescera robusto, sadio, ante os constantes cuidados físicos e afetivos que recebera.

Chegou a participar de corridas. Venceu a maioria!

Numa dessas competições, em cidade vizinha, Donizete se encantou por uma formosa amazona. Vivia com o pensamento nela.

Todavia, era tímido com as mulheres. Homem afeito ao campo, aos animais, à natureza e ao seu estimado Doni, esquecera-se do trato com o chamado sexo frágil.

Indubitavelmente, necessitava de ajuda, de um empurrãozinho no campo intrincado do amor.

E foi o que sucedeu!

Depois do evento daquele memorável dia, Donizete acompanhado do seu alazão e muito satisfeito com o resultado, se viu, de repente, frente à frente com a linda moça e seu cavalo. Este uma fêmea branca, de porte esguio, altiva, toda paramentada que também havia sido premiada em outra modalidade do torneio.

Incrível, mas Doni percebera, de imediato, o sentimento do seu dono. Como sempre, estava atento aos seus mínimos gestos e movimentos.

Daí para sua inesperada atitude foi um pulo só. Aliás, um empurrãozinho só com sua cabeça nas costas dele.

Tum! O encontrão!

Desculpas daqui. Desculpas de lá. Apresentaram-se.

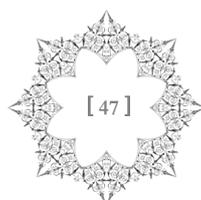
Suas histórias eram parecidas!

Assim como ele, ela ganhara seu animal quase ao mesmo tempo que ele. Passara por situações semelhantes. *Et cetera* e tal...

Naturalmente que se casaram e foram felizes para sempre.

Ah, quanto à Doni, bem, o alazão não se deu por achado. Fez a corte àquele belo sonho de cor branca.

Todos tiveram filhos. A história foi se perpetuando...



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Vento da Transformação

Por Ilma Isabelle dos Santos Vieira Regis

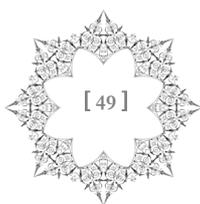
Ilma Isabelle é paraibana residente em Brasília, advogada, professora universitária e mãe da Amanda.

Sigo a condenação
Sem proibição alguma
Escuto o rádio para mudar
Atormentada noite de verão

A melodia convida a bailar
Sigo a condenação
Viro e reviro-me
Quisera ao menos caminhar

Ainda resta amor
Num peito sonhador
Sigo a condenação

Por que dói tanto o coração?
A resposta é indagação
Sigo a condenação



Tempo de Amar



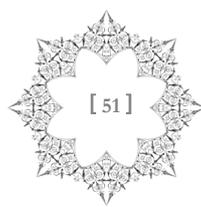
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pontuação

Por Ilma Isabelle dos Santos Vieira Regis

Ilma Isabelle é paraibana residente em Brasília, advogada, professora universitária e mãe da Amanda.

Eu?? você
Cadê?
O que?
A metade do coração!
Não é interrogação?
Era meu coração
Sinto muito,
Você perdeu!
Nunca mais o encontro
Acabou e ponto.



Tempo de Amar



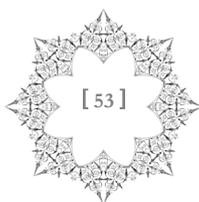
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Onde Estará o Amor?

Por Starines

Professora aposentada, preta, carioca, apaixonada por poesia e viajar. Durante 32 anos trabalhou na rede pública de Educação. Atuou como Professora, Coordenadora Pedagógica, Assistente de Diretor e Diretora de Escola. Escreveu um pequeno livrinho em dedicatória às minhas sobrinhas Sheila e Cláudia, chamado A turma da rua (1992). Tem algumas poesias publicadas em Antologias: O nosso olhar (2022), Invisibilidade (2024) Articule (2025). Publicou um livro: Por um punhado de açúcar e muito mais... (2024).

Pode estar ao seu lado
propositalmente disfarçado
de gente que você não olha
e de coisas que você não vê
Vem em doses bem pequenas
pois luz forte ofusca e cega
impedindo a vontade
de ser ou viver
Estaria no alpendre vazio
de quem foi por exigência do frio
no socorro imediato
para os que gritam com os olhos:
— Estou vivo, mesmo sem voz eu falo
no curto espaço
entre a vida e o compasso
de gente que aperta o passo
sem entender de fato
porque existe, persiste e insiste
em viver com pouco lastro
na flor nascendo no asfalto
colhida de assalto
pelo vento que leva e releva
outras flores escondidas no palco
no sorriso largo
dos que enfrentam com entusiasmo
todo e qualquer descaso
na risada alegre
de um bebê que em breve
espalhará outra e nova febre
de um olhar longo e belo
aos que precisam mais de afeto.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Mundo de Nós Dois

Por Marilu F Queiroz

Publicitária. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Univ. Presbiteriana Mackenzie, SP. Aquarelista e escritora.

Associada REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras.

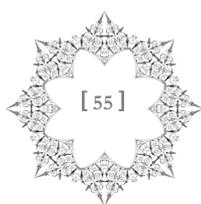
Livros: de contos, didático, dissertação sobre arte e textos em antologias e revistas no Brasil, EUA, França, Suíça e Itália.

O mundo de nós dois...
um modo de pensar sincero
compreensão mútua,
carinho recíproco.

O mundo de sonhos...
povoado de música,
habitado pela noite esguia,
alegrado com a lua de prata.

O mundo de rosas vermelhas...
de luzes que percorrem velozes
as barreiras intatas, intransponíveis,
da realidade humana.

O mundo dos seus olhos e dos meus,
povoado com o seu sorriso e o meu.
Um calor melódico, unísono...
um mundo de você e eu!



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

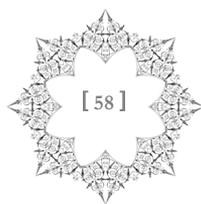
O Verdadeiro Amor

Por Priscila Rodrigues de Miranda

Priscila é mulher, mãe, professora. Formada em Letras Português e Inglês, Pedagogia e Psicopedagogia. Trabalha em escolas há 22 anos. Ama ler e escrever. É mãe solo de um adolescente de 16 anos e uma menina de 6 anos. Com um diagnóstico tardio, agora além de mãe atípica também se descobriu dentro do espectro. Numa nova fase de autoconhecimento e acolhimento muito mais por si mesma do que pelos demais. Através de sua escrita consegue externalizar um pouco do que viveu, vive e sente. Tem a esperança de através dessa ferramenta alcançar e ajudar outras vidas.

Fazem a pergunta errada e reclamam da minha resposta
Falam com acusações e reclamam da minha defesa
Cuidado...incapacitante, sufocante
Amor que oprime
Quem ama dá liberdade
Quem ama confia
E sabe que é amor quando a pessoa escolhe ficar
E que obrigar, oprimir, coagir, ameaçar
Invalidar, julgar, menosprezar
Isso não é amor
Chantagear, vitimizar, manipular
Isso não é amar
Há muita diferença entre um olhar acolhedor e amoroso
Em relação a um olhar de ameaças e julgamentos
Eu sempre disse sim
Por imposição, intimidação, opressão
Por medo, temor e terror
E quando digo não
Mesmo sendo tão raro
Não sou respeitada
E mais uma vez julgada
E chamada de mal-educada
Talvez seja verdade...
Pois fui educada para submissão
Ao nível de escravidão
Cansada de ser sufocada
Não vou mais morrer calada
Minha inteligência e experiência
Mesmo tão sofrida e silenciada
Me dará uma saída
E não será escondida
Pois se de ninguém recebi

Pelo menos por mim mesma serei acolhida
E não mais esquecida
Pelo resto de minha vida.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sob o Mesmo Céu

Essa não é uma história de guerra

Por Rob Alme

(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

A França de 1942 era um caldeirão de emoções conflitantes. A outrora a "Dama de Paris", jazia sob a bota nazista. As luzes da Cidade Luz foram apagadas, substituídas pela sombra da suástica, o país se transformava em um campo de batalha, onde a esperança de uma libertação futura coexistia com o medo da repressão. A ocupação nazista da França não foi apenas uma dominação territorial. A Ocupação da França pelos alemães foi uma tentativa de subjugação cultural e ideológica, de forma sistemática e brutal, visando eliminar qualquer forma de oposição ao regime em meio a racionamentos, toque de recolher e a constante ameaça de deportação, além disso a França representava a maior ameaça para a Alemanha na Europa Continental e derrotá-la permitiria a Hitler isolar o Reino Unido na guerra

A comunidade judaica francesa foi uma das mais atingidas. Milhares de pessoas sendo deportadas para os campos de extermínio nazistas, nesse ambiente hostil, também florescia a Resistência Francesa com sua rede de espiões, sabotadores e combatentes, lutava contra a tirania. Foi nesse cenário caótico que o amor entre Bob, um piloto americano e Jill, uma corajosa integrante da resistência, acendeu-se, como uma chama frágil desafiando as trevas da 2ª Guerra Mundial.

Robert Johnson Smith cresceu em uma pequena cidade americana, em uma família tradicional. Desde criança, sentia uma forte atração pela aviação. A perda do pai na Primeira Guerra Mundial, quando ainda era um bebe poderia ter influenciado significativamente sua decisão de se alistar na Segunda Guerra. A Guerra o arrastou para um conflito que ele jamais imaginaria. Antes da guerra, seus dias eram marcados pela rotina de um jovem: estudos, esportes e sonhos de um futuro promissor. Sonhava em ser piloto e explorar o mundo. A guerra, no entanto, o forçou a amadurecer rapidamente, trocando os livros e o campo de baseball pelo cockpit de um avião de combate.

Jillian Martin Dupont, por sua vez, vivia em uma pequena vila francesa. Sua vida era simples, marcada pela rotina do campo e pelos sonhos de um futuro mais promissor. A França dos anos 30 era um país vibrante, com uma cultura rica e uma população jovem e

idealista. Jill era ativa na vida social da comunidade, participando de grupos de jovens e eventos culturais. A guerra, no entanto, transformou sua vida radicalmente. A ocupação nazista a forçou a amadurecer precocemente, e ela se tornou uma figura central na resistência local.

Em um mundo dominado pela escuridão, o amor de Bob e Jill era uma pequena luz que iluminava suas vidas. Eles se inspiravam mutuamente, encontrando força e coragem um no outro. A resistência contra a ocupação se tornou uma causa comum, fortalecendo ainda mais o vínculo entre eles. Em um porão em ruínas, sob a luz tênue de uma vela, eles trocaram promessas de amor eterno, jurando lutar juntos pela liberdade. A cada encontro clandestino, a cada beijo roubado, a guerra parecia menos real. Entretanto, a possibilidade de serem separados carregava o ar de tristeza

A paixão que unia Bob e Jill era um refúgio em meio ao caos da guerra, mas a realidade implacável os separaria. A necessidade de continuar a luta pela liberdade e a imposição de um novo plano de ataque aliado, exigiriam a partida de Bob. Em uma noite fria e escura, Em um beco estreito de Paris, Bob e Jill se despediram. Sabiam que a separação era inevitável, mas a dor da despedida era insuportável. Abraçados, sussurravam palavras de amor e esperança, prometendo que a guerra não seria mais forte que o amor que os unia. As lágrimas rolavam por seus rostos, misturando-se com a chuva que caía incessantemente.

Jill andava cansada, atribuía as mudanças ao estresse da guerra. A ausência de Bob deixou um vazio imenso na vida de Jill. A guerra, era difícil, todavia não mais solitária. Ela continuou a lutar pela resistência, todavia a esperança de um futuro juntos era o que a mantinha forte. A correspondência se tornou o único elo entre eles. Cartas cheias de amor, saudade e esperança cruzavam o Atlântico, carregando a promessa de um reencontro. Em cada palavra escrita, um carinho na barriga, ela buscava conforto e reafirmava seu amor. No entanto, a incerteza da guerra e os riscos da comunicação clandestina faziam com que cada carta fosse recebida com uma mistura de alegria e apreensão. Chegava a lhe causar enjoo o medo que sentia, a consciência de que guerra, para eles, tornara-se pessoal. Em um pequeno quarto em uma casinha parisiense, a luz da lua filtrava-se por entre as

cortinas com desenhos infantis, estava Jill, sentada enfeitando um mobile artesanal. De repente, seu olhar se perdia na janela, contemplando a cidade adormecida.

Após um tempo de uma correspondência apaixonada e esperançosa, as cartas de Bob pararam de chegar. Jill esperou, dia após dia, semana após semana, por qualquer sinal, qualquer notícia. A cada dia que passava, a esperança minguava, dando lugar a uma angústia crescente. Milhares de cenários se desenrolavam em sua mente: Bob poderia ter sido ferido em combate, capturado pelos nazistas, ou até mesmo morto. Cada possibilidade era um golpe em seu coração. A incerteza e a saudade travavam dentro dela uma guerra unicamente sua. Mesmo diante da dor, Jill se recusava a desistir da esperança. Ela continuava a acreditar que um dia eles se reencontrariam. A cada estrela que via no céu, ela pensava em Bob e enviava uma mensagem silenciosa, pedindo que ele estivesse bem.

A guerra finalmente chegou ao fim. A Europa, em ruínas, começava a reconstruir-se, com a libertação da França, Jill dedicou-se a encontrar Bob. Percorreu hospitais, campos de refugiados, e até mesmo alguns lugares nos Estados Unidos, mas todos os seus esforços foram em vão. A cada pista, a cada esperança, seguia-se uma nova desilusão acompanhada.

O tempo passou, a guerra havia se tornado uma lembrança dolorosa, mas vívida. Paris, aos poucos, recuperava seu brilho e vibração de antes. Jill não. Eles, por coincidências da vida, haviam se estabelecido na Cidade Luz sem que um soubesse da presença do outro, ambos perambulavam em várias galerias buscando na arte e na cultura uma forma de amenizar as marcas deixadas pela guerra e pelo amor não vivido. Frequentavam as mesmas cafeterias, as mesmas livrarias, os mesmos cinemas. A ironia era cruel: estavam na mesma cidade, eles pareciam destinados a se cruzar em cada esquina, e ainda assim, o destino os mantinha separados.

A velha livraria *La Belle Histoire*, com seu cheiro característico de papel envelhecido, era um refúgio para ambos. Bob e Jill, sem o saberem, frequentavam-na com regularidade, buscando nos livros um escape da realidade. Em uma tarde chuvosa, quando ambos se encontravam ali, cada um imerso em suas próprias leituras. Bob, estava

encostado em uma estante de livros de história, enquanto Jill, delicada e de olhos castanhos, procurava um livrinho na seção de literatura infantil. Uma estante de livros os separava, criando uma barreira invisível entre eles. Jill, sentindo um arrepio, levantou os olhos e varreu a biblioteca com o olhar. Seu coração acelerou ao sentir uma espécie de presença, tinha a sensação de que alguém a observava. Virou-se lentamente, seus olhos percorrendo as estantes nada notou, desapontada, voltou sua atenção para os livros. No mesmo instante, Bob também sentiu um estranho pressentimento, virou a cabeça, procurando o rosto que havia vislumbrado em seus sonhos. Mas a biblioteca estava cheia de pessoas totalmente estranhas, todas focadas em suas leituras. Ele suspirou, convencido de que havia sido apenas sua imaginação.

Décadas se passaram. Paris, renascida das cinzas da guerra, pulsava com vida. Em uma tarde ensolarada, Bob passeava entre os corredores de uma galeria, quando seus olhos se fixaram em um quadro particular, uma foto de guerra retratando pessoas que foram ativas nos movimentos da resistência francesa com as assinaturas e endereços de alguns algumas que resistiram bravamente a guerra, entre elas, um endereço rabiscado em uma caligrafia familiar, levaram-no de volta ao tempo. *Era a letra de Jill.*

Com o coração aos saltos, Bob descobriu que era o endereço de uma pequena livraria, de remonte ele se recordou também de uma promessa que fizeram um ao outro: de que se a guerra os separasse eles, todos os anos em determinada data, as 18h00min se reencontrariam naquela livraria na sessão de histórias de guerra. Parecia que a mente roubara essa lembrança da mente dele de forma furtiva. Olhado para o papel novamente ele ficou lívido: a data era dali a dois dias.

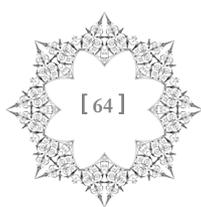
No dia do encontro, ele se arrumou com movimentos lentos resultado do avançado dos anos, colocou a correntinha de ouro com a letra J que Jillian lhe dera em um dos encontros fortuitos, ajeitou a camisa e o agasalho e rumou até o endereço, onde se localizava a livraria. O lugar estava quase vazio. Seu coração não.

Com passos hesitantes, adentrou o corredor, o coração a jato. A cada passo, o mundo se estreitava, até que seus olhos encontraram uma figura familiar, um espectro do passado. Alto, de cabelos castanhos e porte atlético, era a imagem de si mesmo em

tempos idos. O tempo parou, o ar rarefeito. A sensação de queda livre era palpável. Não foi um susto, mas uma revelação. Aquele jovem, com um brilho nos olhos que o fez lembrar de um amor perdido, aproximou-se e, com a voz embargada, o chamou de "pai".

Isolando-se em um casulo de segredos e medos, Jill navegou pelas águas turbulentas da maternidade solitária. A guerra, um monstro famélico, havia roubado dela a companhia e a segurança de um lar completo. A cada dia, a esperança de um reencontro com Bob a mantinha viva, entretanto a solidão era uma sombra que a acompanhava em cada passo. Nascido em meio ao caos, o filho deles cresceu ouvindo histórias sobre um pai ausente, um herói de guerra que habitava os sonhos maternos.

No enlevo daquele momento mágico, após um abraço que selou um reencontro tão inimaginável, o filho, com a voz embargada, revelou o mais precioso segredo de sua mãe: todos os anos naquela mesma data, ela aguardava Bob naquela livraria, guiando-o o filho o levou até o fundo do corredor e apontou para uma plaquinha de bronze onde se lia: **'Em memória de Bob e Jill, cujo amor floresceu em tempos de guerra e inspirou gerações de paz.'**



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Homem Que Tinha Ciúmes do Marido de Sua Namorada

Por Robson de Oliveira Alves Júnior

Robson de Oliveira é carioca, estudante de Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atua com revisão de textos acadêmicos em duas revistas da mesma universidade. Tem interesse na área de Teoria da Literatura e escreve contos de humor, dedicando-se também à ficção filosófica e literatura clássica. Enxerga a literatura como espaço de reflexão sobre a existência e o cotidiano e se inspira em autores como Ernest Hemingway e Tchekhov.

A poucas semanas do Natal, Marcelo, um jovem, de olhos tenros e baixa estatura, conheceu uma mulher mais velha, que se chamava Flávia. Flávia tinha 30 anos e era 10 anos mais velha que Marcelo. Morador da Tijuca, ao contrário de Flávia, que morava em Anchieta, Marcelo era um promissor estudante universitário. Em seu 5º período na faculdade de Direito, na UFRJ, ele já havia feito algumas amizades, era querido por seus colegas e também já impressionava os professores. “Você fala como um advogado”, já o disseram. Não sabe-se, no entanto, se isso foi de fato um elogio.

Flávia, por outro lado, era um pouco diferente: fazia faculdade de Letras. Matriculou-se após ter desistido da de história e da de fisioterapia; era taróloga; mais alta, mais velha e o grande diferencial era que ela era casada, enquanto Marcelo solteiro. Numa festa, foram introduzidos por um amigo em comum. Ambos alegres, ambos de alma jovial e um interesse genuíno em artes, em especial a literatura. No outro dia, Marcelo estava apaixonado. Um apaixonado cauteloso, no entanto.

— Eu acho que a sua amiga está obcecada em mim. Talvez ela tenha hiperfoco em pessoas.

— Então... sim. Talvez. Mas ela é assim mesmo. Só que dessa vez realmente está demais.

— Quem nos viu disse que a gente se gosta.

— Não sei. Talvez.

— Mas aí é que tá: ela me encontrou no Instagram, me seguiu e descobri que ela namora.

— Na verdade, ela é casada.

— Então ela não gosta de mim. Às vezes ela tem autismo e hiperfoco, não está na moda isso? Hiperfoco em ônibus, em elevador, essas coisas.

— Mas ela tem autismo mesmo.

— Aí, eu disse.

— E o relacionamento dela é aberto.

— É aberto?

— Sim, a vida pessoal dela é uma coisa, o relacionamento é outra.

— O relacionamento dela é na escala 5 por 2 ou 6 por 1? Recebe décimo-terceiro? Férias remuneradas?

— Você quer que eu fale com ela?

— Sim, por favor. Não, não, na verdade, não precisa, não precisa. Sábado vai ter aquela coisa nossa, ela não vai?

— Vai.

— Então lá eu vejo. Me disseram que ela gosta de mim.

E Marcelo estava certo, no final. Flávia de fato gostava dele; nele ela via as mesmas características de personalidade de seu marido: uma introspecção, que ela considerava fofo, um amor pela arte e poesia, uma intelectualidade de faculdade pública, além de um mesmo signo e temperamento (de peixes e melancólicos). O jovem garoto adorou ter Flávia como um bem a ser amado. Em algumas oportunidades trocaram beijos acalorados e palavras dignas de um Prêmio Jabuti, se os concorrentes fossem apenas os universitários que também bebiam no bar Moreninha, em Vila Isabel.

Sendo um elefante branco no meio da sala ou não, Marcelo nunca perguntou a respeito do marido dela. Chegou a vê-los juntos uma única vez, segurando as mãos um do outro, e para ele isso foi como se tivessem enfiado uma faca em seu estômago. Ainda que fossem apenas amantes e, sendo ela casada, não fizesse sentido sentir ciúmes do relacionamento dos dois. No entanto os sentimentos não fazem sentido, e menos ainda os sentimentos dos jovens, de forma geral.

No dia 23 de dezembro, Marcelo e Flávia conversavam por ligação:

— Mas e aí, vai passar o Natal onde?, o rapaz perguntou.

— Provavelmente irei passar com a família do meu esposo.

Marcelo, então, só pôde engolir seco e responder:

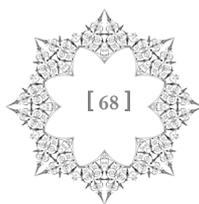
— Ah, sim. Entendi.

O jovem melancólico sabia que não seria possível terminar seu incessante jejum de ter alguém ao seu lado no tal dia 25. Era sonhar alto demais, ele pensava. Mas esse pensamento não o impedia de se sentir angustiado por ter a mulher pela qual ele estava apaixonado, celebrando o dia com outro homem e com outra família, ao invés da sua.

Chegada então a noite do dia 24, Marcelo recebeu na casa de sua mãe os seus familiares mais próximos: duas tias, dois tios, meia dúzia de primos, avô e avó. Para todos, aquela noite foi uma bela noite. Típico Natal de família de subúrbio carioca. No entanto, o clichê da melancolia de fim de festa nunca se atrasa e tomou conta daquele jovem rapaz, que só desejava amar. Intensificada, ainda, pela voz de Elvis Presley, tocando na caixa de som, que foi colocada por ele mesmo, a cena dramática era ele, sentado, com uma taça de vinho na mão, pensando nela, pensando em Flávia, segurando a mão de seu marido.

Marcelo, então, pegou seu celular, respondeu às saudações de Natal vindas de amigos e parentes, e paralisou quando recebeu uma outra mensagem: era Flávia.

— Feliz Natal — era a primeira mensagem — Boas festas, amigo — era a segunda.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tia Querida

Por Sellma Luanny

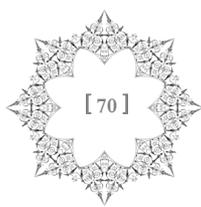
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Apesar da perfeição
que parte da humanidade tanto almeja,
há entre nós
uns mais angelicais que outros.
Este rótulo – angelical -,
em Lourdes
perfeitamente se harmoniza.

Não é uma referência à santa.
Não!...
Mas a uma querida tia...
Para os chegados, "Lurdinha".
Tia Lurdinha para os
peraltas sobrinhos.

O sorriso...
a expressão do seu rosto
e o seu comportamento,
meiguice e doçura refletem.
Nos seus atos
de tamanha bondade
e cândida humildade,
ela é e transmite amor.
E para todos que a rodeiam,
uma dádiva.

E simbolicamente
neste "duplo nove",
a ela os nossos votos
de uma serena feliz
e longa vida!



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Idas e Vindas

Por Sellma Luanny

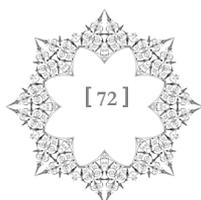
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nesses sopros da caminhada -
alegres uns,
meramente suportáveis, outros...
até mesmo sobrepostos alguns,
viajamos... flutuamos...
caímos... levantamos.

E o transitar entre eles,
é do coração e da mente,
inevitável exercício...
do mágico para o doloroso...
e vice-versa... do viver
o pendular... no ir e vir.

No fluir do frágil orgânico,
neste humano mundo
de frequentes perdas
e de nem sempre
compensatórios ganhos...
a serem testadas
resistência e leniência.

E os veros amigos e queridos
a se darem créditos
e ombros... a tornarem
mais leve, tudo
e mais deglutível... o todo.
Palatáveis idas e vindas
na amizade e no amor.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Eternização do Amor

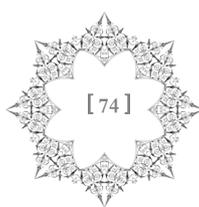
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Não só de humanos...
não só de mãe, pai,
irmãos ou amigos...
eles, os bichinhos
exalam gratuitamente
lealdade e amor.

O seu amor... ilimitado.
Os seus olhos, ações
e dedicação, brilham
de amor para conosco...
amor de quatro patas
a encher-nos o coração.

Quando vêm, tudo
transformam, para melhor.
Uma insípida casa
alegre se torna.
Um frio ambiente... então
pelo amor aquecido.



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Por que se Magoa Tanto no Coração?

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

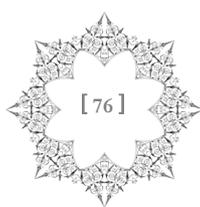
"Coração"... sensível e sentimental...
que a tantos de nós, vulnerabiliza!
Decidir sobre problemas ou tomar
atitudes, a todas as pessoas, relativo.
E confesso... priorizar o "coração"...
um luxo difícil... para mim.

Comandou a minha vida
quase sempre, a razão.
Motivos vários: criação, educação,
pobreza... e a necessidade de
"vencer" que a mim, impus...
Ser livre e independente...
metas a atingir.

Apesar de sempre ter doído,
de lado ou subjugado, este "coração",
por inúmeras vezes, estive.
E esta questão daí surgiu:
por que se magoa tanto no coração?"

A resposta – talvez - se não em
outras causas embutida
e à própria humana natureza
e sua evolução, relacionada...
acho que não há como disso,
se esgueirar... pelo menos, eu.

E da observação, da mesma
fatalidade, não têm escapado,
ao meu redor, muitíssimas pessoas.
Haja coração!



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

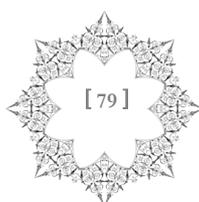
Eu só Queria um Amor...

Por Susiane Canal

Estudante das questões da alma. Terapeuta e escritora, entre tantas outras... Um ser em constante transformação que, ao perder-se nas palavras, busca encontrar um sentido para sua existência...

Eu só queria um amor desses verdadeiros
Que fosse sincero, intenso, intocável
Que pudesse ser vivido com liberdade e suavidade,
Com a certeza de que, poderia o mundo virar de ponta cabeça,
Ele permaneceria o mesmo.
Mas, por favor, um amor que não fosse desses de novela,
Pois não gosto de meninas oferecidas, mocinhos do mal, bruxas ou tragédias para deixar a história “mais emocionante”
Também não gosto que as coisas deem certo apenas no final...
Queria, na minha vida, alguém que não pronunciasse “eu te amo” à toa, mas tão somente quando o sentimento fosse equivalentemente grandioso
Queria constância, solidez, intensidade e leveza.
Eu gostaria de alguém com quem pudesse ficar à vontade, ser eu mesma, em tempo integral
Que não precisasse me preocupar se eventualmente estou de cara lavada ou com uma roupa velha e sem graça
Queria alguém que me desejasse mesmo de pijamas e de cabelo molhado numa tarde de domingo...
Queria alguém que comprasse, verdadeiramente, os meus devaneios
Que se interessasse nos meus sonhos e ajudasse a torná-los realidade
Que risse dos meus defeitos, e se divertisse com as minhas “desastrisses”...
Queria alguém que confiasse em mim plenamente, que não ficasse me investigando
Alguém, sobretudo, que eu não precisasse vigiar,
Pois, mesmo que olhasse para os lados, eu saberia que o seu coração (e o seu corpo) seriam sempre exclusiva e totalmente meus...
Queria alguém que não necessariamente me garantisse fidelidade perene
Mas que comigo firmasse um pacto eterno de lealdade
Em quem eu pudesse confiar de todo o meu coração
Pois teria absoluta certeza de que jamais iria machucá-lo.
Eu queria tanto um amor que não me trouxesse angústia
Que não me fizesse ficar pensando em formas de garanti-lo
Que não me gerasse dúvidas constantes da sua integridade

E que me permitisse um mergulho destemido em suas profundezas...
Queria alguém tranquilo, sereno e sensato
Mas, às vezes, entusiasmado, louco e arrebatador
Para contrabalançar minhas mudanças de humor...
Queria, afinal, alguém que verdadeiramente se importasse com o nosso amor
Para quem não houvesse mau tempo, crise econômica ou problemas no trabalho que
preponderassem sobre a alegria constante de termos um ao outro
Alguém que sempre estivesse disponível quando eu precisasse de apoio
E que ficasse sempre do meu lado, me defendendo do mundo, ainda quando precisasse
me dar “puxões de orelha”...
Eu só queria alguém que fosse, de verdade e ao mesmo tempo, amigo, amante e irmão
A minha luz, o meu porto seguro, a minha certeza
Um ser afeto a detalhes, preocupado em surpreender
Alguém que, até mesmo, me puxasse de volta, para encostar os pés no chão, quando eu
estivesse “voando” demais
Apesar de, na maior parte do tempo, me fazer crer estar nas nuvens...
Gostaria de alguém que não se entregasse às acomodações que o tempo costuma trazer
E que despertasse, cotidianamente, o melhor que há em mim.
Queria, acima de tudo, um amor que despertasse em mim a vontade de ser assim, bem
desta forma, para ele também...



Tempo de Amar



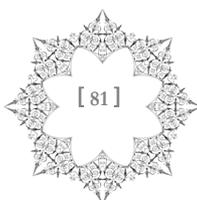
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Luto e Amor

Por Susiane Canal

Estudante das questões da alma. Terapeuta e escritora, entre tantas outras... Um ser em constante transformação que, ao perder-se nas palavras, busca encontrar um sentido para sua existência...

Apesar de cansativo e doloroso, o luto é uma jornada de AMOR, um amor que não acaba,
que continua a crescer, que une o céu e a terra
É algo maior que a morte, é para sempre, deste lado da terra e do outro lado do céu
Em essência, pois, o luto é amor, o mais profundo, crescente e puro sentimento
É verdade, nobreza e infinitude
É sentir no peito algo novo
Descobrir a incrível dimensão desse elo divino que nos une a quem partiu para outro plano
É perceber que não é necessária a presença física para se sentir
Que o amor permanece para sempre
Que ele se transforma e se agiganta
Que ele une e mantém vivo quem se foi
Que qualquer eventual diferença que pudesse existir naquele relacionamento em vida,
perde totalmente a importância diante do afeto tão imenso que há entre duas pessoas
Na verdade, permanece e cresce somente o que realmente é importante
É sacralidade, divindade e iluminação
É uma jornada da dor e do amor mais intensos que podemos sentir
É aprendizado, entrega, superação, tudo ao seu tempo
Mas, sobretudo,
Amor, enfim...



Tempo de Amar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

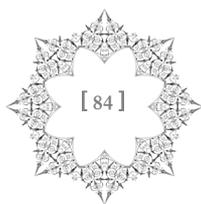
Como Morre o Amor

Por Susiane Canal

Estudante das questões da alma. Terapeuta e escritora, entre tantas outras... Um ser em constante transformação que, ao perder-se nas palavras, busca encontrar um sentido para sua existência...

A morte do amor nunca é súbita
Ela é lenta e dolorosa
Suave e, ao mesmo tempo, cruel
Começa num dia qualquer, nem se percebe direito
E, recebendo continuamente brandas – ou intensas – doses de antídoto,
Ele vai se esvaindo por entre as distrações do dia a dia...
Pode começar quando se pensa que ele está consolidado
Foi conquistado e pronto, o trabalho acabou
Quando se começa a imaginar que, enfim, se pode dar atenção apenas a outros (tantos) aspectos da vida
E deixa-se de alimentar suficientemente o sentimento
Tanto o seu pelo outro, quanto o dele por si...
Também induz à morte do amor o “acostumamento”
Acostuma-se com a presença do outro
E passa-se a entender que não há descobertas e serem feitas, qualidades – e defeitos – a desvendar, um mistério a se decifrar
Ocorre que todos sempre são incógnitas – inclusive para si próprios –, uma vez que seres em constante transformação...
Continua-se extinguindo o amor quando se deixa de olhar para as necessidades do outro
Quando apenas as suas próprias vontades é que têm relevância
Quando não se compreende que ele é um ser completamente distinto de si, e as todas as suas peculiaridades, desejos e trejeitos precisam ser conhecidos e considerados
Também é fulminante para o amor ser esquecido no meio da rotina frenética em que se vive
Quando o trabalho, os filhos e as contas – talvez até a conjuntura política do país – são muito mais considerados que o relacionamento em si
Quando aquele olhar profundo dentro do olho do outro e aquele sorriso cúmplice não acontecem mais
Quando se perde a polidez das palavras direcionadas
Quando estar mal humorado ou totalmente desajeitado não são mais motivo de atenção
Quando se perde a última gota daquela inocência juvenil, que acreditava que “amar e ser amado” era a coisa mais fantástica do mundo

Quando o “eu te amo” começa a vir sozinho e completamente mecanizado
Desacompanhado de sentimento e intenção
E, até mesmo, de “provas” que o reafirmem...
Quando não se investe para que o encontro íntimo seja original, verdadeiramente desejado
e gratificante
Quando não mais se intenciona, com o cruzamento dos corpos, a fusão das almas
Quando vira apenas um modo de descarregar tensões, um ato de prazer egoístico
Ou o simples cumprimento de uma “obrigação”
O amor se perde também nos afagos poupados
Nos agrados que se extinguiram
No olhar perdido que traduz distância
E no silêncio que começa a incomodar
Mas a maior incidência da morte do amor ocorre na indiferença
Quando começa a predominar o “tanto faz”, o “tudo bem, depois dou um jeito”, ou o “não é
tão importante assim”
Quando se deixa cegar pelo cotidiano
Quando tudo, ou qualquer outra coisa, tem sobre ele prioridade
Quando se deixa-o para o fim da lista de afazeres
Quando se permite que a preguiça e a comodidade prevaleçam
Quando se autoriza que o cansaço vença qualquer possibilidade de dedicação
Quando não mais importa se o outro está desejando outras pessoas
Ou se é efetivamente desejado por alguém
Quando se aceita que não esteja presente em algum acontecimento importante
Quando não se compartilham mais os sonhos, as visões de mundo e os desejos para o
futuro
E quando se torna irrelevante que ele também cresça, se expanda e evolua com a vida
Contudo, enquanto houver uma gota de amor, ele ainda pode ser ressuscitado
Se restar uma brasa que seja, o fogo pode ser reacendido
Basta um dos dois se dar conta a tempo, entrar no modo “emergência” e dar-lhe o
tratamento correto
Todavia, quando a vontade minguar e descaso prevalecer mesmo diante da agoniação
A morte – implacável e irreversível – vencerá a batalha e deixará como herança apenas a
dor e o arrependimento por não se ter tentado salvá-lo enquanto ainda era tempo.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**